

## **A FORMAÇÃO PERMANENTE DAS CARMELITAS DESCALÇAS:**

### **UMA PROPOSTA**

**Roma, 3 de fevereiro de 2016**

*Caríssimas Irmãs,*

O encontro de hoje é um dom que a Providência divina nos concede. Nenhum de nós teria pensado que era possível reunir um grupo tão numeroso e representativo das Carmelitas Descalças de várias partes do mundo aqui em Roma. Não obstante, aconteceu, e eu agradeço ao Senhor que o tornou possível, através da mediação da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada. Agradeço também a cada uma de vocês por terem aceitado de bom grado de participar neste encontro.

Queremos aproveitar ao máximo o tempo que temos à nossa disposição. Desejamos ao longo deste dia ouvir-nos uns aos outros, confrontando-nos sobre os temas que estão mais a peito, a fim de poder crescer em nossa comum vocação carmelitano-teresiana. Estamos certos de que o Senhor está presente aqui entre nós, reunidos em seu Nome. Ele saberá como guiar-nos, como iluminar-nos, como atrair-nos em seus caminhos, através da diversidade de vozes, a pluralidade de opiniões, a variedade de experiências. Começamos, portanto os nossos trabalhos, conscientes de nossos limites e das nossas dificuldades, mas cheios de confiança e de esperança naquilo que o Senhor poderá fazer através de nós.

#### *Formação permanente e discernimento*

Creio que exista um consenso geral, ao menos em teoria, que grande parte de nossa vida religiosa, a sua qualidade e o seu futuro depende da formação, é entendida em sentido amplo como "cuidado da vocação". Somos conscientes de que a nossa vocação precisa ser constantemente cultivada, nutrida e aprofundada, se não queremos que as motivações iniciais percam gradualmente a força e a capacidade de integração da pessoa. Se não trabalharmos continuamente sobre a nossa identidade de religiosos, contemplativos, teresianos, é inevitável que o modelo recebido na formação inicial se torne em breve uma veste muito justa para um corpo, que, no entanto, cresceu<sup>1</sup>. A insuficiente maturidade leva a crises vocacionais que, infelizmente, muitas vezes acabam com a

---

<sup>1</sup> Cfr. PI 67: "A formação permanente ajuda o religioso a integrar a criatividade na fidelidade, porque a vocação cristã e religiosa exige um crescimento dinâmico e uma fidelidade nas circunstâncias concretas da exigência. Isto exige uma formação espiritual interiormente unificante, mas flexível e atenta aos eventos diários da vida pessoal e do mundo. "Seguir a Cristo" significa ser sempre em caminho, cuidar da esclerose e da petrificação, para ser capaz dar um testemunho vivo e verdadeiro do Reino de Deus neste mundo".

decisão extrema de deixar a vida religiosa ou à perda da tensão positiva rumo à plenitude do ideal. Nos contentamos com uma vida religiosa "tranquila", que não pretende demais e ao mesmo tempo não exige demais. Teresa, certamente não iria compartilhar formas similares de "retirada", ela que escreveu nas *Fundações* 29, 33: "Nunca aconteça de dizer: Isso não é nada, que são exageros; Oh, minhas filhas, que importa muito sim, o que seja não ir adiante"<sup>2</sup>.

Tal exigência de formação permanente é particularmente urgente no tempo histórico que nos tocou viver, um tempo de fortes mudanças, que nos coloca novas interrogações. As mudanças nos colocam em crise e torna-se cada vez mais necessária a arte do discernimento. Na verdade, essas duas palavras, *dis-cernimento* e *crise*, provém do mesmo verbo grego, *krino*, que significa "julgar, avaliar, separa". Há muitas questões diante das quais permanecemos perplexos, pois não há respostas claras, já escritos em algum texto. Mesmo o que está escrito nos textos, por exemplo, nas Constituições, pede muitas vezes ser contextualizado nas novas situações históricas e culturais e interpretados, mais de acordo com o espírito e que segundo a letra. Paulo, que teve que traduzir no contexto helenístico o que nasceu em um contexto judaico, ensinou-nos que "a letra mata, mas o Espírito vivifica" (2 *Cor* 3,6). Uma verdadeira fidelidade implica a capacidade de mudar constantemente. Como escreveu o Beato John H. Newman, um outro grande mestre do discernimento: "Aqui sobre a terra, viver é mudar, e a perfeição é o resultado de muitas transformações"<sup>3</sup>.

Sei que nem todas as irmãs partilham desta opinião. Existem resistências em um processo de busca comum e discernimento, que estão enraizadas em uma suposta segurança de já saber as respostas e ter as soluções. Eu ficaria feliz em dizer eu também que tudo é muito mais simples, que a verdade é suficientemente clara e que não há lugar para dúvidas ou hesitações. "Nossa vida é tão simples!" dizem-me algumas Monjas. É verdade, mas não há nada mais complexo do que uma autêntica simplicidade, que não deve ser confundida com superficialidade. A pessoa humana, ao contrário das pessoas divinas, não é simples: é um sistema complexo, com muitas dimensões, níveis, "moradas", como ensinou a Santa Madre Teresa. Muitas vezes, no entanto, estamos satisfeitos com um conhecimento superficial e nos limitamos a viver de acordo com o que aprendemos por nós mesmos, sem maiores interrogações, sem aprofundar as raízes da nossa imperfeição ou infidelidade.

A esta superficialidade no conhecimento de si mesmos e de nossa convivência, às vezes se acrescentam formas de ideologia (progressistas ou conservadoras), que - na medida em que

---

<sup>2</sup> "No les acaezca decir: «En esto no va nada, que son extremos». ¡Oh hijas mías, que en todo va mucho, como no sea ir adelante!"

<sup>3</sup> J. H. NEWMAN, *Lo sviluppo della dottrina cristiana*, Jaca Book, Milano 2002, 75

pretendem já saber o que é verdadeiro e o bem de acordo com o projeto de Deus – fecham-se a qualquer busca ou posta de outras questões.

Descer às profundezas, escavar sob as aparências ou ao que é óbvio, é cansativo e provoca uma sensação de perda, para não dizer de angústia. No entanto, não se cresce, nem se amadurece sem passar por essa experiência de negação e morte. "Para chegar ao que não sabes, deves ir por onde não sabes", escreveu São João da Cruz (1 S 13,11), que mais recentemente vemos um eco em Henri Nouwen: "Devemos conhecer a escuridão para ser capaz de buscar a luz. Devemos primeiro nos tornar conscientes de estar perdidos, se quisermos encontrar sentido, propósito e direção na vida"<sup>4</sup>. O discernimento não é nada mais que uma experiência de Páscoa, uma passagem através da Sexta-feira e Sábado Santos, através da morte de nosso ego, ou melhor, das imagens que dele fazemos e a consequente sensação de vazio e cegueira, para vir à luz do domingo de Páscoa, que nos dá um novo olhar, os "olhos de Páscoa" capazes de discernir o futuro no presente, os sinais luminosos da graça de Deus no meio do pecado e da opacidade das nossas histórias.

#### *O estilo teresiano de discernimento*

Eu queria de sublinhar que o discernimento, realmente em quanto simplesmente não é uma estratégia decisória (*decision making process* - decisão em processo), mas é um caminho de transformação da pessoa e da comunidade; é um processo longo e não sempre retilíneo que requer constância e "paciência" (*hypomoné*, de acordo com a língua do NT; isso é, capacidade de "pegar a carga", de "estar sob a carga", sem jogá-la fora). Trata-se *acolher e familiarizar-se com algo que é diferente*; o que nós não conhecemos, o que nós não somos ainda ou que nós esquecemos de ser.

Em nossa cultura nós nos acostumamos a respostas rápidas, somos incapazes de esperar, de ficar em silêncio, vigilantes. Queremos soluções efetivas e imediatas. Mas com esta forma de impaciência e de pretensão de controle da situação, não vejo como se possa fazer um real discernimento dos espíritos. É fácil eliminar rapidamente o que nos perturba ou nos põe embaraço, mas frequentemente o Deus bom esconde-se próprio ali; é ali que ele bate à nossa porta e que nos pede de acolhê-Lo, alargando os confins de nossa tenda.

Completamente diferente é, ao invés, a experiência e o exemplo da Santa Madre Teresa, que não fez em sua vida inteira outra coisa que questionar-se sobre o que Deus lhe estava pedindo: "Qué mandáis hacer de mí?", como nós repetimos infinitamente durante este ano centenário. Teresa, sobre a base de princípios sólidos e de uma visão clara, alcançada por um caminho de oração e de trabalho

---

<sup>4</sup> H. NOUWEN, *Discernment: Reading the Signs of Daily Life*, HarperCollins, New York 2013, 27.

em si mesma, demonstra possuir a virtude da "flexibilidade"<sup>5</sup>. Se Teresa é notável por sua "determinada determinación", isto não quer dizer que ela não mostrou saber adaptar em muitas situações os princípios à realidade, sem nenhuma intransigência ou rigidez abstrata. Fundamentalmente, Teresa não busca uma forma externa ou um estilo de vida, mas uma realidade de comunhão com Deus e com suas irmãs e adota com liberdade tudo o que é útil a este propósito, enquanto renuncia sem problemas ao que pode ser de obstáculo ou impedir isto. Por isso mesmo Teresa também não é favorável a códigos de normas detalhadas, que privem de liberdade as monjas de organizar sua própria vida e apontar com decisão à meta principal de sua própria vocação: ser comunidades fraternas e orantes ao serviço da Igreja.

É ao interno desta perspectiva que deveria ser debatido também o *tema da unidade do carisma e da diversidade (ou pluralidade) de cada comunidade*. Sabemos que é um tema complexo, que coloca em jogo a autonomia de cada mosteiro e a pertença de todos à mesma família, a fisionomia de cada comunidade e a partilha da mesma identidade. Os riscos de uma "uniformidade forçada e discordante"<sup>6</sup>, bem como uma "pluralidade ambígua e desconexa" em ambos são presentes. Como podemos nos defender destes riscos<sup>7</sup>? Parece-me que também deste ponto de vista, se propõe novamente a necessidade de uma formação séria e aprofundada, capaz de colocar em discussão falsas seguranças, preconceitos e simplificações indevidas, que são os obstáculos que dificultam mais frequentemente no caminho do diálogo e da unidade.

#### *A iniciativa do centro da Ordem*

Nesta situação, parece-me particularmente necessário que o centro da Ordem não fuja à sua responsabilidade de assumir iniciativas de animação espiritual e de formação permanente, a fim de promover a unidade da nossa família religiosa, como indicado pelas Constituições das monjas n.

<sup>5</sup> Cfr. S. PAYNE, *Saint Teresa of Avila and the Virtue of Flexibility*, intervento al Congresso Teresiano, PUC Avila, agosto 2015.

<sup>6</sup> Tomo esta expressão da Declaração do Capítulo Geral dos Cistercienses de 2000: «Vale mais [...] a diversidade concorde do que a uniformidade discorde e forçada» (*La vita cistercense attuale*, n. 13). Tal afirmação provém de uma longa tradição de vida monástica e enuncia um dos princípios fundamentais do movimento cisterciense: o do respeito da diversidade na mesma caridade (cfr. O texto base da legislação cisterciense, a *Carta caritatis* no n. III.2: «In actibus nostris nulla sit discordia, sed una caritate, una regula similibusque vivamus moribus»).

<sup>7</sup> Sem dúvida as Constituições permanecem o texto de referimento para identificar os traços constitutivos da identidade das Carmelitas Descalças. Todavia é um dado de fato que depois de um longo e sofrido iter redacional, no fim não se realizou a distinção entre o "código fundamental" e os "códigos complementares" prevista nos decretos atuais do Concílio (cfr. *Ecclesiae Sanctae* II, 14) e no novo Código de Direito canônico (cfr. can. 587 §4). Portanto, as Constituições atuais contêm, ao lado dos princípios e normas fundamentais, disposições detalhadas, relativas a concretas atuações práticas, sem, porém, mostrar seu diverso alcance e a possibilidade de opções diferentes, à discricção da comunidade.

242<sup>8</sup>. Na mesma linha, o n. 103 recomenda que os irmãos e irmãs do Carmelo Teresiano colaborem reciprocamente e que todos os mosteiros apoiem e favoreçam especialmente as iniciativas que vêm do Prepósito Geral<sup>9</sup>.

É "justo e necessário" portanto, que no início deste novo sexênio nos perguntemos como dar continuidade a este serviço de formação, que - sendo oferecidos pelo centro da Ordem - tem muito a peito a unidade das Monjas. Sem excluir outros projetos locais de formação, a nível comunitário e ao nível da associação/federação, certamente tem um grande significado, convidar todas as Carmelitas Descalças a refletir sobre os mesmos temas, tendo em vista um caminho e um crescimento comum. Foi este precisamente o pedido de que as Monjas que participaram do Capítulo Geral de Ávila nos endereçaram em sua carta.

Como então organizar este percurso formativo? Com quais conteúdos e metodologia, com quais instrumentos?

Afirmo antecipadamente que a resposta a estas perguntas que eu não posso dar sozinho. Por mais graça de estado queira conceder-me, é óbvio, pelo menos para mim, que precisamos de uma ampla consulta e uma estreita colaboração para projetar e por em prática um programa de formação que responda efetivamente às necessidades mais urgentes das Carmelitas Descalças. Precisamente por este motivo estamos reunidos hoje e estão idealmente presente conosco os mosteiros também não associados, que são parte da família e seguem com interesse e paixão o nosso trabalho. Alguns deles me enviaram comentários e sugestões e também expressaram o desejo de não serem deixados à margem de um caminho de formação que deveria abranger todas as irmãs.

Ao mesmo tempo, entendo que eu não posso escapar à honra e ao risco de "mover a primeira pedra", sem o qual não se pode começar a jogar. O primeiro movimento no jogo é importante, mas não decisivo. O que estou a ponto de expor-lhes, portanto, é uma simples proposta, que nasce da reflexão e de uma experiência de vida religiosa e do Carmelo Teresiano. Buscarei expô-la de forma o mais clara e sintética possível. Depois a palavra passa a vocês. Vamos dar um tempo para discussão em grupos, mas a discussão e o confronto vão continuar depois, presumivelmente, nas vossas comunidades, nas vossas assembleias. Para mim, seria já um grande passo em frente se pudéssemos discutir sobre uma determinada visão de nossas vidas, os desafios que enfrentamos, as respostas

---

<sup>8</sup> «O Prepósito Geral poderá dirigir-se a todos os mosteiros para promover neles a unidade da Ordem e a fidelidade ao carisma teresiano e o cumprimento de sua missão na Igreja. Estará especialmente atento à renovação fiel das Carmelitas Descalças, promovendo, em diálogo com elas, projetos e iniciativas que digam respeito ao campo da animação espiritual e à formação».

<sup>9</sup> «Na força da mesma unidade na caridade, todos os irmãos e irmãs do carmelito teresiano pertencentes à única família da Virgem Maria, ajudar-se-ão concretamente com a oração, com o exemplo e com a mútua colaboração, a fim de que todos juntos possam cooperar ao bem da Igreja e da Ordem. Além disso, todos os mosteiros, enquanto de uma parte podem dar suas sugestões à autoridade competente, serão também solícitos em secundar as iniciativas da Família Teresiana, especialmente aquelas propostas pelo Prepósito Geral da Ordem».

possíveis. O resto eu deixo nas mãos de Deus, porque - como diz Paulo na carta aos Filipenses - "aquele que iniciou esta boa obra em vocês, vai levá-la a termo" (Fl 1,6).

*Do quê necessitamos verdadeiramente?*

Antes de tudo, é importante entender os motivos da proposta, que estou prestes a fazer. Penso que precisamos primeiro precisamos identificar o problema para o qual queremos dar uma solução e a meta à qual queremos chegar. Os problemas, como sabemos, não faltam. Tampouco nos faltam ideias, projetos, pedidos que nos solicitam em uma direção ou outra. Neste emaranhado de questões, provocações, exigências, sonhos, é fácil de permanecer paralisado. O que na verdade é o mais urgente? Em italiano, dizemos: "dov'è il bandolo della matassa?" - "onde está a ponta do fio da meada?" - Ou seja, qual é o elemento que permite esclarecer, de resolver uma situação confusa e emaranhada?

Somente para citar um exemplo, o questionário que a Congregação para os Religiosos enviou às monjas referiam-se a três questões: a autonomia jurídica dos mosteiros, a formação permanente e a clausura. As respostas recebidas, pelo que nos foi dito e que nós mesmos percebemos, abraçam uma variedade tão grande de ideias e perspectivas, que tornam muito difícil uma síntese unitária; e mesmo ao interno da mesma família religiosa.

Eu não lamento este fato; limito-me a constatá-lo e acrescento que para mim não é novo. A questão é como avaliar e como reagir a isto. A princípio, são possíveis pelo menos três tipos de solução:

- 1) Se considera-se uma posição correta, exclui-se as outras, na medida em que se se distanciam significativamente do modelo escolhido.
- 2) Se busca definir uma posição intermediária ou, como se diz, "equilibrada", de centro, que exclua as tendências extremas.
- 3) Se opta por um pluralismo que deixa (de fato ou de direito) para cada comunidade ou grupo de comunidades a liberdade de definir o seu quadro ideal de referência, seu próprio estilo de vida e código de comportamento.

Cada uma destas soluções tem suas boas razões e, claro, a sua orientação teológica e eclesial, para não dizer "política" (na terra - que eu saiba - não existem soluções "neutras" ou puramente objetivas). Eu só posso agradecer a Deus por não ter me pedido de ocupar-se de uma questão tão delicada, na qual estão trabalhando as autoridades competentes, com os métodos e tempo que consideram adequados.

A minha pergunta é outra: *são realmente estes os temas cruciais para a vida das Carmelitas Descalças? Deles depende realmente seu futuro? Mais ainda: as divergências de opinião que se constatam acerca destes temas são realmente tão essenciais para minar a unidade da família?*

Minha resposta pessoal a estas questões não é um triplo não; mas obviamente, passo-as a vocês, para que no grupo de trabalho possam expressar-se sobre elas de acordo com o seu ponto de vista.

Na minha opinião, para as filhas de Santa Teresa, a questão crucial coloca-se na raiz e tem a ver com um modo de ser da pessoa, ou, para ser mais preciso, com um caminho de plasmar de novo a pessoa a partir de sua experiência do Deus vivo. Se pensarmos bem sobre isso, Teresa mesmo antes de ser mestra de oração ou de doutrina mística, foi testemunha direta e fiel narradora de uma história em que uma humanidade foi tocada e remodelada pela mão de Deus, a mão que é feita de carne e ossos como a nossa, sendo a mão do homem Jesus. Estas não são apenas graças místicas pessoais. É a origem da história de onde viemos e para o qual temos de retornar constantemente, se não quisermos ficar perdidos nas "encruzilhadas" do mundo.

A verdadeira questão a que devemos nos esforçar para dar uma única resposta é: "¿Qué tales habremos de ser" (C 4,1), "Como havemos de ser, para não ser temerários aos olhos de Deus e do mundo?" É uma pergunta sobre o ser: como deveríamos ser, se realmente queremos na Igreja chamar-nos "amigos/amigas fortes de Deus" e portanto ter acesso a Ele com confiança e liberdade de pessoas amigas, próximas a Ele e afins? É aqui que se concentra o núcleo da nossa identidade carismática.

Colocar em outro lugar este núcleo significaria tirar a radicalidade da imitação de Teresa, reduzir sua perspectiva, transferindo-a do ser ao fazer, do trabalho sobre a pessoa ao trabalho em coisas. Infelizmente, isso é o que eu temo está acontecendo. Estamos preocupados com muitas coisas, nem todas igualmente necessárias, e sobre tudo sonhamos muitos futuros, nem todos igualmente possíveis: novas vocações para os nossos velhos mosteiros, novas comunidades de vida contemplativa, novas maneiras de rezar ou de viver a vida comunitária, novas modalidades de formação, novas missões para o mundo exterior. Frequentemente é algo novo, não nascido do ventre, mas da cabeça, um novo pensado, sonhado, que não há raízes em nós, em nosso presente.

Na verdade, o que é mais precioso para nós é o nosso próprio presente, o que nós somos aqui e agora, e é nisso que temos de trabalhar, com seriedade e determinação teresiana. Não encontraremos a verdade da vontade de Deus para nós fugindo a outro lugar. O mundo, mesmo aquele da mundanidade espiritual, do qual fala muitas vezes o Papa Francisco, nos oferece muitos alibis, nos quais perder o tempo e especialmente o sentido, a direção de nosso caminho. A impressão que se tem da vida religiosa hoje é na verdade muito semelhante à imagem do mundo: isto é, uma realidade dispersa, líquida, não seriamente empenhada no trabalho sobre si mesma.

Temos de recuperar essa seriedade de vida, que coincide com um profundo trabalho de formação da pessoa. Procuo explicar-me com referência à história recente. Depois do Concílio, tornou-se claro para muitos que a vida religiosa precisava de focar novamente no carisma e sobre a problemática da Igreja e do mundo de hoje. Necessitava-se superar um modelo de observância

religiosa, que arriscava reduzir a vida consagrada a uma série de atos externos de piedade, de obediência, de penitência. Sabemos que tal revolução não foi sem consequências para os indivíduos e as comunidades. A intenção não era amenizar, mitigar ou secularizar a vida religiosa. Muito pelo contrário: tratava-se de restituir-lhes profundidade, seriedade e radicalidade. Mas, como sabemos, as coisas nem sempre andaram no sentido que se queria e desejava. Foi mais fácil "derrubar os bastiões" do que reconstruir as pessoas.

Hoje há cinquenta anos do Concílio Vaticano II, estamos em uma situação muito diferente, que é de fragmentação, dispersão, confusão, às vezes de desânimo. Não existem paredes para derrubar, mas pessoas e comunidades a serem construídas. Então começemos a fazer isso! Ou melhor, retomemos o trabalho que foi deixado pela metade. Mais do que descobrir coisas novas, trata-se de realizar o que a nível teórico já dissemos e escrevemos não poucas vezes. Tomemos, por exemplo, o que escreveu P. Maximiliano Herraiz no seu estudo fundamental sobre a obra de Teresa, publicado em 1981:

Em qual direção move-se a ascese teresiana? E qual é o seu conteúdo? Isso pode ser deduzido imediatamente da focalização cristocêntrica, da caracterização fortemente personalista e da radicalidade da sua colocação. O que, então em concreto, deve fazer a pessoa humana e em que campo deve sobretudo trabalhar? [...] O bloco de capítulos do quarto ao quatorze do *Caminho* sobre as *três coisas importantes* para a vida espiritual, é sem dúvida de riqueza extraordinária neste sentido. Eles abordam a questão da reconstrução do *ser*, em função de uma amizade profunda e transformante com o Senhor. É o ser da pessoa a postular uma reforma, que se adequa ao fim ao qual aspira: tornar-se contemplativa, ou seja, amiga de Deus. Teresa, depois assinalar a finalidade do novo Carmelo, põe com agudez e perspicácia a pergunta: "Como devemos ser" para alcançar este fim? Aponta, assim ao ser, à interioridade, e a direção do seu olhar já indica o conteúdo do pensamento<sup>10</sup>.

Toda a obra do Padre Maximiliano visa redescobrir a radicalidade de Teresa, onde Teresa queria colocá-la: uma reforma do ser, em uma remodelação da pessoa a partir do seu contato com Deus. Estou falando de um estudo amplamente conhecido, embora eu não sei até que ponto compreendido e assimilado. Resta, no entanto, a pergunta: *estas "chaves de leitura" do carisma Teresiano abriram realmente a herança de Teresa a um uso diferente? Orientaram a formação de forma diversa? Traduziram-se em critérios de juízo e depois em decisões operacionais, que não sejam simplesmente as de eliminar as "coisas" velhas e exteriores? Qual caminho de construção da pessoa acompanhou a desconstrução de estruturas monásticas obsoletas?* Também estas perguntas as deixo para vocês, se quiserem levá-las em consideração nos seus trabalhos em grupos.

A mim me parece que ainda está à nossa frente a tarefa de uma leitura teológica do nosso presente, do que nós somos na verdade e o que Deus está pedindo de nós pessoalmente e a nossas comunidades. Aprender a "ver" a verdade do nosso ser, a reconhecer nela os dons e as promessas de

<sup>10</sup> M. HERRÁIZ, *Dio solo basta. Chiavi di lettura della spiritualità teresiana*, Edizioni OCD, Morena 2003, 170-171.

Deus, e finalmente abraçar com dedicação radical e amorosa a sua vontade: são estes, na minha opinião, os objetivos que devemos propor-nos, se quisermos ser realmente escola contemplativa de Teresa em um "tiempo de precariedad" (como dizia em seu discurso a todos os religiosos P. Miguel Márquez). Recordamos o que Teresa escreveu no Caminho 32,9: "Tudo o que eu vos ensinei neste livro não tem outro propósito do que dar-nos completamente ao Criador, colocar nossa vontade na sua e desapegar-nos das criaturas". Esta é a perfeita contemplação, a água viva da qual tem sede Teresa: deixar espaço para Deus para que Ele cumpra em nós a sua obra, dispondo de nós como de si mesmo. Não se trata simplesmente de obedecer a uma vontade externa, a qual nos obriga, mas progressivamente deixar-se assimilar pela presença e pela lógica de Deus que habita em nós, de modo que de duas vontades resulte só uma. Isso requer um crescimento da pessoa, um dilatar a sua vontade e uma iluminação de sua inteligência que lhe permita entrar ativamente neste processo de conformação à vontade de Deus, com um consentimento livre, ou melhor ainda, com o desejo de quem ama e não quer senão contentar o Amado.

Desta radicalidade, desta seriedade sente-se a necessidade, bem como do discernimento seguro que deriva daí, quando se trata de ter de escolher entre o que favorece e o que enfraquece a vida contemplativa. A experiência torna-se o "livro vivo" no qual poder ver num instante as verdades (cfr. 26 V, 5), a qual não conseguimos obter com a força de longos raciocínios e debates cansativos.

### *Uma proposta de formação da pessoa*

Como já entendemos, a proposta que lhes apresento é uma tentativa de ir às raízes do nosso ser contemplativos e teresianos, onde reside seja o fundamento da nossa unidade, seja a verdade da nossa identidade. É somente a partir destas raízes que será possível adquirir critérios válidos, não arbitrários nem ideológicos, para poder operar um sério e bem pensado discernimento sobre as muitas questões que hoje a nossa vida nos apresenta. Essas raízes não consistem, segundo meu parecer, nem em um estilo de vida, nem em uma doutrina espiritual, nem em uma atividade particular (mesmo se, claro, existem estilos, doutrinas e práticas que podemos definir teresianas). O fundamento está num modo de ser da pessoa, ou mais precisamente: num modo que o ser pessoal deixa-se transformar pela relação com a pessoa de Cristo e com as pessoas que compartilham a sua amizade.

É sobre este fundamento que eu convidaria vocês a trabalhar. Podemos chamá-lo de um trabalho de "formação teresiana da pessoa", uma "escola de humanidade teresiana", na qual aprender a pensar, julgar e agir de acordo com aquele modelo de pessoa e de comunidade, que constitui o núcleo de nossa identidade carismática. Depois de um sexênio de formação sobre S. Teresa, através da releitura de seus escritos, parece-me que agora precisamos reler-nos a nós mesmos, a partir da perspectiva de Teresa, de acordo com a sua visão de Deus e do homem.

Trata-se de fato de seguir a mesma pedagogia de Teresa, que - como sabemos - no início do *Caminho de Perfeição*, no momento de explicar às irmãs em que constitui a essência da sua vocação, sente a necessidade de partir das três "coisas" fundamentais: o amor recíproco, o desapego de todo o criado e a verdadeira humildade, "a qual - embora citada por último - é a principal e abraça as outras" (C 4,4). Estas "coisas" fundamentais não são nada mais que as coordenadas existenciais, onde se insere a pessoa, considerada nas suas relações estruturantes: com Deus e consigo mesma (a verdadeira humildade), com o mundo (desapego da criação) e aquele com o outro (o amor recíproco). Teresa queria primeiro "colocar as peças no tabuleiro"<sup>11</sup>, sabendo que o jogo todo depende disso. Podemos também acrescentar que, embora cada partida é diferente, dependendo das capacidades e personalidade dos jogadores, a disposição das peças e as regras do jogo não mudam, e são estas últimas que podem e se devem ensinar. O resto o fará a experiência: quanto mais jogará, mais você aprenderá a jogar (sobre a vaidade desta linguagem lúdica, já pediu desculpas a Madre Teresa e portanto, não preciso fazê-lo eu...).

Seguindo a pedagogia teresiana, podemos pensar em uma série de temas de formação (Teresa provavelmente chamá-los-ia "avisos"), que ajudem a refletir sobre as atitudes fundamentais de nosso modo de viver a nível pessoal e comunitário. Notei que as Monjas frequentemente insistem sobre a importância de acompanhar a formação espiritual com uma sólida formação humana. É importante, no entanto, lembrar que mais de formação espiritual e de formação humana devemos falar sobre a formação integral da pessoa em toda sua complexidade. Não consigo imaginar, de fato, uma formação espiritual que não coloque no centro a humanidade da pessoa mesma, com suas feridas e seus dons, com sua história de pecado e de graça. Parece-me que historicamente Teresa deu uma contribuição fundamental próprio a esta visão integrada da espiritualidade cristã.

Espero ter sido capaz de explicar com suficiente clareza a substância da proposta. Permanecem ainda naturalmente as modalidades concretas de realização do projeto: deve-se especificar o conteúdo, escolher uma metodologia, nomear um grupo de trabalho, decidir sobre os tempos, etc. Mas tem sentido tratar tudo isso somente se houver um acordo de base sobre o projeto, suas intenções, os seus objetivos. Não me resta, portanto, que agradecer a atenção com que vocês me acompanharam até agora e, se não houver perguntas de esclarecimento sobre o que eu disse, convidá-las a prosseguir a reflexão nos grupos.

---

<sup>11</sup> «Voy entablado el juego [...] concertar las piezas» (C 16,1).